

## FICHA TÉCNICA

[facebook.com/manuscritoeditora](https://facebook.com/manuscritoeditora)

© 2018

Direitos reservados para Letras & Diálogos,  
uma empresa Editorial Presença,  
Estrada das Palmeiras, 59  
Queluz de Baixo  
2730-132 BARCARENA

Título original: *Ela Primeiro*

Autor: *Afonso Noite-Luar*

Copyright © Afonso Noite-Luar, 2018

Copyright © Letras & Diálogos, Lisboa, 2018

Revisão: *Florbela Barreto/Editorial Presença*

Imagem da capa: *Sutterstock*

Capa: *Catarina Sequeira Gaeiras/Editorial Presença*

Composição, impressão e acabamento: *Multitipo — Artes Gráficas, Lda.*

Coleção: Romance Erótico

Este livro contém conteúdos para adultos.

Este é um trabalho de ficção. Nomes, personagens ou incidências são fruto da imaginação do autor ou usados de forma fictícia e qualquer semelhança com pessoas e acontecimentos reais é mera coincidência.

ISBN: 978-989-8871-53-4

Depósito legal n.º 440 925/18

1.ª edição, Lisboa, junho, 2018

# 1

«Queres saber o que consigo fazer com três dedos?»

«Quero», respondeu ela com um olhar desafiante.

Despi-a por completo, sem qualquer ajuda. Tal como se fosse uma boneca. Tal como se tivesse de lhe provar que não precisava dela para lhe dar o que ela tanto queria. Deitei-a sobre a cama, e eu, também nu, ajoelhei-me ao seu lado.

«Fecha os olhos e relaxa», disse-lhe.

Pousei uma mão sobre o seu peito e outra sobre o sexo. Fiz uma ligeira pressão até sentir o seu batimento cardíaco a acelerar. Tirei a mão do peito e segurei-a pela nuca, massajando-a levemente. Com a outra mão, junto ao sexo, comecei a fazer pequenos movimentos circulares com a pressão ideal (mas sem deslizar as mãos, para não lhe queimar a pele), deixando-a humedecer primeiro. Beijei-lhe os seios, a toda a volta, e só depois, quando já os sentia a implorar, lhe beijei os mamilos. Brinquei com eles com a ponta da língua durante um bom bocado para lhe aquecer o motor e soltei a minha boca para que todas as sensações se focassem lá em baixo. A respiração dela intensificava-se a cada segundo. Estava completamente molhada. Concentrei os meus três dedos no sexo dela, indicador, médio e anelar. Fi-los deslizar circularmente devagarinho por entres os lábios bem molhados e sobre o clit. Soltei a minha outra mão da nuca dela, peguei-lhe nas mãos e prendi-as com a minha por cima da sua cabeça contra a almofada.

«Olha para mim», pedi.

Enquanto a olhava nos olhos, alterei os movimentos circulares dos dedos para movimentos laterais. Aumentei a velocidade até parecer um autêntico vibrador, e mantive o mesmo ritmo durante alguns segundos enquanto desfrutava das suas convulsões eróticas. Ela não aguentou muito tempo e veio-se, por fim, enquanto gemia descontroladamente e revirava os olhos como se estivesse a ter algum ataque. (E estava mesmo... de prazer.)

«Isto tudo foi apenas com três dedos, agora será com o meu corpo todo», sussurrei-lhe ao ouvido, enquanto ela, ofegante, recuperava a consciência.

Virei-a de barriga para baixo, coloquei-me por cima, peguei no meu pau, a rebentar pelas costuras de tanto desejo, e introduzi-o devagarinho naquele corpo delicado que lhe dava forma. (Estávamos no nível um.) Enfie o braço direito por debaixo do ombro dela para lhe agarrar no cabelo e me segurar com o cotovelo no colchão, e fiz o mesmo com o outro, mas para lhe segurar o rosto pelo queixo. Com os joelhos apoiados de cada um dos lados do corpo dela, enfiei os calcanhares por baixo das suas pernas e levantei-as até que encostasse os calcanhares no meu rabo, bloqueando-lhe os movimentos inferiores. Estava assim presa debaixo de mim e sob o meu controlo, com a minha boca bem junto ao seu ouvido para lhe sussurrar palavras sujas de incentivo. Deixei-lhe apenas os braços soltos para que pudesse aliviar alguma da tensão que o tesão lhe provocaria. Comecei a penetrá-la profundamente, mas devagarinho, para que o seu corpo se fosse adaptando aos poucos ao meu. Dava um ligeiro impulso nos últimos centímetros como se estivesse a abrir caminho por aquele corpo adentro e a cada penetração eu conseguisse entrar um pouco mais. Ela soltava um leve gemido a cada estocada. Aumentei o ritmo gradualmente, assim como aumentava também o volume dos seus gemidos, rivalizando com o ranger da cama e o barulho da minha cintura a embater nas nádegas dela. Com o corpo quase todo bloqueado pelo meu, a tensão acumulava-se de tal forma dentro dela que, por mais que amassasse os lençóis com as suas mãos finas, a sensação de desespero consumia-lhe a alma. Queria sair dali para poder acalmar e respirar, mas ao mesmo tempo queria que eu a fodesse ainda com mais força. E esse era exatamente o meu objetivo. *Lindo menino, estás a ir bem.* Libertei-a das amarras dos meus braços e pernas e, sem tirar o meu pau, enfiei o meu braço direito por baixo da barriga dela e elevei-lhe o corpo para que ficasse de quatro diante de mim. (Estávamos no nível dois.) Continuei a penetrá-la com a mesma intensidade, agora agarrando-a com firmeza pela cintura e deixando-a ter

um pouco mais de controlo sobre ela mesma. Era deliciosa a visão do seu cabelo a ondular no ar à medida que a devorava naquela posição. Esbofetei-lhe o rabo, mas a pele suada fez escapar-me a mão. Esbofetei-o de novo. E do outro lado. E novamente, antes de voltar a agarrá-la firmemente contra o meu corpo. Puxei-a pelos ombros e fi-la erguer-se até mim, ficando os dois de joelhos sobre a cama. (Estávamos no nível três.) Ela inclinou a cabeça para trás, pousando-a sobre o meu ombro direito, e levou as mãos até à minha nuca para se segurar. Virei o rosto dela para mim para lhe beijar a boca enquanto a penetrava e ajudei-a a segurar-se naquela posição encaixando as minhas mãos nos seus seios, acariciando-os com firmeza. O desejo ardia-nos de tal forma que parecia que tudo aquilo não era suficiente para nos satisfazer. Mordia-a no ombro antes de a empurrar de novo para a cama. Virei-a de barriga para cima, agarrei-lhe nas pernas, levantei-as e encostei-as ao meu tronco, ficando eu com a cabeça entre elas, debruçei-me ligeiramente sobre ela e voltei a penetrá-la sem medo até ao fundo. Com o meu pau dentro dela, pus os meus braços à volta das suas coxas, agarrando-as com força contra mim, e iniciei os movimentos de vaivém à velocidade máxima. Tudo isto em dois segundos e meio, para não lhe dar tempo de pensar.

Aquela troca constante e rápida entre estar presa e livre durante o sexo desencadeava nela uma reação psicológica interessante que servia de aditivo à satisfação plena que eu lhe pretendia dar.

Continuei a penetrá-la no limite das minhas forças, fazendo-a virar a cara de um lado para o outro numa tentativa frustrada (e ainda bem) de se afastar da perversidade que se apoderava da sua mente. Até que, com um gemido que me veio das profundezas, vim-me para cima dela, num jato poderoso que lhe embateu no queixo. Ela sorriu-me e, com o mesmo olhar desafiante e sedutor com que momentos antes me havia dito «quero», passou um dedo pelo sémen que lhe escorria pelas costelas e levou-o à boca, chupando-o. E eu, mostrando-lhe que, tal como ela, também não era nojento no sexo (nem aceito que o sejam no meu universo), deitei-me sobre ela e beijei-lhe a boca.

Ela foi tomar banho e regressou ao quarto pouco tempo depois dentro de uma *T-shirt* dois tamanhos acima. Sentou-se na cama e pegou no telemóvel. *Era a minha vez*. Quando voltei, ainda em *boxers*, ela ergueu o rosto para mim e perguntou:

«Lembras-te de eu te ter falado num tal... Francisco?»

«O tipo que andava a encornar a mulher contigo?»

«Ai! Não digas isso dessa maneira. Fazes-me sentir pior do que aquilo que já me sinto.»

«Não disse mentira nenhuma.»

«Está bem, mas eu não sabia que ele era casado. Quando soube, já era tarde demais. Já me tinha apaixonado. Além disso, ele já não gostava dela. Tenho a certeza.»

A Diana era uma mulher incrível. Lutadora, sonhadora, apaixonada, meiga, boa amiga e uma infinidade de outras qualidades. No entanto, tinha um defeito muito grande: tinha sérias dificuldades em aprender com os erros e ver a realidade com os olhos da cara e não com os do coração. O que lhe trazia desilusões atrás de desilusões e lhe roubava a esperança de ainda vir a ser uma mulher realizada no campo do amor. Uma esperança que eu me esforçava muito para que ela não perdesse. Se havia pessoa minha conhecida que merecia ser feliz, era ela. Após um casamento com um final um pouco ingrato e em que foi vítima de violência doméstica, viu-se obrigada a começar do zero com um miúdo pequeno para criar. Admirava a força de vontade que ela tinha para se reerguer, mas lamentava a fraca memória e as palas nos olhos que por vezes parecia ter. Voltou a dar amor mais algumas vezes, mas nenhum lhe foi devolvido na medida certa. Tínhamos sido, nos últimos tempos, e por várias vezes, o suporte um do outro. Aquilo que nos unia era muito mais do que boas e intensas fudas quando a vontade apertava, era a cumplicidade, afinidade, amizade e confiança que tínhamos um no outro. Queríamos o melhor um para o outro, mas sabíamos demasiado de cada um para sermos mais do que amigos. Além de que não éramos as pessoas de que precisávamos a tempo inteiro na vida um do outro. O melhor da nossa relação é que já nos conhecíamos e nos dávamos perfeitamente bem no sexo. Sabíamos exatamente o que cada um

gostava. Podíamos estar muito tempo sem falar, mas nunca negávamos sexo caso algum de nós quisesse e não houvesse nenhum compromisso que nos ligasse a outras pessoas.

«Sabes bem que digo as coisas como elas são, estou-me pouco importando se dói ou não ouvi-las», disse-lhe, enquanto pegava nas calças para as vestir. «Mas diz lá o que queres dizer-me.»

«Então... nós afastámo-nos há uns meses porque ele disse que queria dar uma nova oportunidade ao casamento dele, e eu também lhe disse que não queria aquilo para mim, pois não era a segunda mulher de ninguém. Eu mesma o incentivei a lutar pelo seu casamento. Acontece que há uns tempos ele voltou a procurar-me e a dizer que não conseguia esquecer-me. Que pensava muito em mim e que me desejava. E voltámos a falar praticamente todos os dias como quando nos conhecemos, e eu me apaixonei...»

«Deixa-me adivinhar», interrompi, «vocês voltaram a estar juntos, remexeste nesses sentimentos todos e percebeste que ainda gostas dele.»

«Sim, é verdade, contudo nem é isso o que mais me incomoda, mas sim o facto de ele se ter afastado novamente. Não que ele o tenha dito ou feito claramente, mas agora falamos muito menos vezes e raramente sobre nós. Sempre que toco nesse assunto, dá-me sempre respostas muito vagas. Diz que não tem certezas do que deve fazer, mas que não duvida do que sente por mim. Enfim, frases que respondem, mas não dizem nada.»

«OK, está bem, mas o que é que há de estranho nisso?»

«O que é que há de estranho? Tudo! Achas normal ele dizer-me que gosta de mim, e que me deseja, nós termos noites de sexo incrível e depois dizer-me que não tem certezas e não toma uma decisão, não faz nada?»

«Não há nada de estranho nem de incompreensível. Ele procurou-te, mais uma vez, para desenjoar da mulher. Matou a fome e voltou à sua rotina normal. Se ele gosta da mulher? Não, não gosta, mas não a vai trocar por ti. À medida que os homens envelhecem, vão-se acobardando mais. Eles preferem arranjar uma amante ou uns biscatos por fora do que serem justos e corretos com eles próprios

e com as famílias e seguirem um caminho diferente. Tornam-se dependentes da mulher e profundamente confortados e conformados com um prato de comida, uma cama lavada e um par de pernas para abrirem sempre que quiserem. Mas isto não é novidade nenhuma para ti.»

«Não, não é, mas porque é que ele diz que gosta de mim e me dá estas esperanças se sabe que nunca deixará a pessoa com quem está? Não entendo», lamentou a Diana.

«O que eu não entendo é como é que não entendes algo tão óbvio. Ele diz-te essas coisas e dá-te essas esperanças porque quer manter-te por perto e disponível para sempre que precisar de despejar os tomates. A mulher dá-lhe o que ele precisa, e tu dás-lhe o que ele quer. No final quem perde és sempre tu. A não ser que tenhas sempre plena noção do que está a acontecer. O que já percebi que não é o caso. Os homens não são como as mulheres, que deixam um para ficar com o outro. O homem fica com uma e tenta ficar com a outra também, dando-lhe esperanças para que ela fique numa espécie de banho-maria, para estar sempre pronta a saciar-lhe a fome quando ele tiver vontade. Mas não ambicionam nada mais.»

«Tens razão, tens razão... Mas o que é que eu faço agora?»

«Sabes bem que não gosto de te dizer para fazer isto ou aquilo. A vida é tua. Só fazes o que te digo se também acreditares profundamente que é o que deve ser feito. Se já percebeste que isso não vai a lado nenhum, então tens de ser tu a pôr um ponto final nessa história. Não esperes que seja ele a fazê-lo, até porque, como já te expliquei, és tu quem mais tem a perder. Só vais conseguir seguir em frente a partir do momento em que encerrares esse capítulo de uma vez por todas. Senão ele vai continuar a empatar-te a vida com falsas esperanças para adiar o máximo possível essa decisão. E és tu que tens de a tomar, porque és tu que precisas dela. Para isso precisas de ter coragem para o rejeitar quando ele voltar. Vai dar-te vontade de estar com ele, vais sentir desejo, mas tens de ser forte e dizer que não. Que não queres isso para a tua vida. Depois de o negares a primeira vez, todas as outras serão muito mais fáceis, e vais ver que te verás livre desse assunto. Até vais respirar melhor. Estás presa a

nada e mereces muito mais. E eu tenho a certeza de que não queres ter ao teu lado um homem que trai a sua mulher. Se faz isso com ela, porque não havia de fazer contigo também?»

«Às vezes até me esqueço de que és mais novo do que eu. E sabes mais. Faz-me tão bem falar contigo, **Afonso**.»

«Sei mais mas tu sabes melhor. E não é só falar comigo que te faz bem», disse, enquanto calçava o último sapato. «Tenho de ir.»

Peguei nas chaves do carro e no telemóvel que estavam na mesinha de cabeceira, meti-os no bolso e contornei a cama para me despedir dela. Este era o nosso compromisso: sexo forte, intenso, animalesco, mas nada de palavras de carinho, cabeça sobre o peito ou conchinha depois do sexo. Aquele era, portanto, o momento de me ir embora. Aproximei-me dela (sentada na beira da cama), debrucei-me e dei-lhe um beijo na bochecha, mas alguma coisa naquele exato momento ativou todo o meu interior. O meu pau reagiu imediatamente, endurecendo em dois segundos dentro das calças. Era o cheiro dela. Um cheiro que ela não tinha antes daquele banho. Aproximei o nariz do pescoço dela para confirmar e senti-a contorcer-se ligeiramente com a proximidade da minha boca. Levei as mãos aos seios dela por cima da *T-shirt* e disse-lhe com os lábios a roçarem-lhe a pele para que sentisse toda a vibração:

«Acho que não me vou já embora.»

«Fode-me outra vez», disse ela, ao mesmo tempo que me despertava as calças. «Só não te venhas para cima de mim porque não vou tomar banho de novo.»

Agarrei-lhe no rosto com as duas mãos e beijei-a intensamente enquanto ela me descia as calças. Assim que o descobriu por completo, libertei-lhe a boca e começou a chupá-lo ali mesmo na beira da cama. Com uma das mãos subi e segurei na camisa para que não a incomodasse, e com a outra agarrei-lhe no cabelo por trás da cabeça para acompanhar os seus movimentos. Umas vezes chupava-me, outras lambia-me o pau de baixo para cima enquanto me olhava com aqueles olhos de menina malcomportada, e outras masturbava-me ao mesmo tempo que me mostrava os dentes cerrados. O que me excitavam ainda mais. Tinha a arte toda na ponta

da língua, e eu adorava a sua proatividade no que respeitava a dar-me prazer. Até porque eu não era diferente com ela. (Nem com nenhuma outra que tivesse o privilégio de estar no lugar dela.)

Tirei-lhe o meu pau da boca e empurrei-a para trás fazendo-a deitar-se de costas na cama, ficando eu no meio das pernas dela do lado de fora. Tirei-lhe as cuecas (mas deixei-lhe a *T-shirt* vestida), pus cada uma das suas pernas por cima dos meus ombros e abocanhei-lhe o sexo. Lambi-o bem lambido de baixo até cima, antes de me focar no clit com lambidelas circulares, leves e macias. Fiz tudo com a maior delicadeza e evitei chupá-la intensamente ou meter-lhe os dedos, pois minutos antes já lhe havia trucidado o sexo com o meu pau e ia voltar a fazê-lo. Já ficaria dolorida o suficiente. Enquanto me deliciava entre as suas coxas carnudas, despi o que restava das calças e o calçado (mas deixei a camisa vestida) e logo depois ergui-me e coloquei-me sobre ela. Empurrei-a para trás para fazer o corpo dela ficar quase todo sobre a cama, coloquei de novo cada uma das suas pernas sobre os meus ombros e debrucei-me sobre ela, ficando o meu rosto praticamente por cima do seu. Peguei no meu pau e fiz-me entrar nela até ao fundo. Ela estava toda dobrada debaixo de mim, o que gerava muita tensão e, para que não me empurrasse involuntariamente, agarrei-a com as duas mãos por trás do pescoço. O que a obrigava a olhar para mim enquanto estava a fodê-la. Tirava e metia o máximo que o meu pau permitia, embatendo com toda a força contra o rabo dela. Ela mordida o lábio e lançava-me um olhar feroz como se me ordenasse que desse cabo do seu corpo. Soltei-lhe o pescoço, descii-lhe as pernas dos meus ombros, e caí para o lado dela ao mesmo tempo que a puxei para cima de mim. Com os joelhos apoiados no colchão, pegou no meu pau e sentou-se sobre ele penetrando-o. Subiu e desceu com a velocidade e profundidade que desejava e eu deixei-a desfrutar daquele momento de domínio e controlo sobre o seu prazer. A *T-shirt* dois tamanhos acima, aliada ao seu cabelo desgrenhado, conferia-lhe um jeito rebelde que me excitava ainda mais. Mas não a deixei estar muito tempo no comando. Agarrei-lhe o rosto com as duas mãos e puxei-a até mim para lhe beijar a

boca. Isso obrigava-a a levantar o rabo, o que me conferia maior liberdade na cintura para a poder penetrar a meu bel-prazer. Aumentei a velocidade, mas sem soltar a boca dela da minha, obrigando-a a beijar, respirar e gemer ao mesmo tempo. (Fazendo-a quase sufocar.)

Se há coisa que me dá prazer no sexo é fazê-lo de olhos nos olhos, com os rostos próximos um do outro, com as bocas coladas uma na outra. São as feições do rosto que dão as indicações necessárias para saber para onde ir. Por mais conhecimento que um homem tenha do sexo e da sua mulher, que nunca se esqueça de que todas as foadas começam do zero. Cada uma é um novo começo.

Estava quase a vir-me, mas lembrei-me do que ela me tinha dito no início, pedindo-me para não a sujar. Voltei a virá-la ao contrário, ficando eu por cima dela, e saí logo de seguida da cama puxando-a comigo. Virei-a de costas para mim e fi-la debruçar-se sobre a cama, apoiando as mãos no colchão. Voltei a penetrá-la sem perder tempo e com a máxima velocidade para o remate final. Quando me senti a chegar ao pico da montanha, virei-a para mim, sentei-a na cama, meti-lho na boca e vim-me ali dentro enquanto ela me olhava com um ligeiro ar aflito por causa da quantidade de sémen que tentava descer-lhe pela garganta. Tirei-lhe o pau da boca e, quando ela se preparava para se levantar para ir à casa de banho despejar aquele líquido, deitei-lhe uma mão ao ombro e fi-la sentar-se de novo. Levei um dedo ao queixo dela erguendo-lhe o rosto ligeiramente para mim e disse-lhe:

«Engole.»

Ela franziu o sobrolho ligeiramente surpreendida com aquele pedido, mas eu não duvidava que ela acedesse, tal era a nossa sintonia no sexo e a mente aberta que ambos possuíamos. Ainda assim, fiz questão de reforçar a ideia:

«En-go-le!»

Ela cumpriu e fez questão de abrir a boca para que não restasse dúvidas da menina bem-comportada que era.

«Assim temos a certeza de que nada nem ninguém se suja. Tal como me havias pedido...», disse-lhe com um ligeiro ar de gozo.

«Claro, **Afonso**... Sei bem que era um antigo desejo teu.»

Fiz-lhe um sorriso malandro antes de me voltar a vestir.

«Ficas bem?», perguntei, após olhar à minha volta e confirmar que não me esquecia de nada.

Ela fez sinal afirmativo com a cabeça. Dei-lhe um beijo leve na testa e vim-me embora.